



## A literatura virtual lésbica como pedagogia cultural: o amor lésbico como um amor-guerra

Lesbian virtual literature as cultural pedagogy:  
lesbian love as a love-war

La literatura virtual lesbiana como pedagogía cultural:  
el amor lesbiano como amor-guerra

Ana Gabriela da Silva Vieira\*  
Marcio Rodrigo Vale Caetano\*\*

### Resumo

Textos literários publicados em plataformas digitais vêm alcançando um grande número de pessoas. Esse trabalho propõe estudar textos literários que tratam sobre o amor lésbico, entendendo-os enquanto pedagogias culturais. A análise dos textos buscou compreender de que modos seus discursos abarcam a noção do amor lésbico enquanto um amor-guerra, ou seja, um amor que envolve a conquista e a posse do(a) outro(a), ao passo que se protege a si mesmo(a). Para tanto, parte-se de uma discussão foucaultiana do discurso, e de uma discussão do amor vinculada aos estudos de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** literatura virtual; pedagogias culturais; amor lésbico.

### Abstract

Literary texts published on digital platforms have been reaching a large number of people. This paper proposes to study literary texts that deal with lesbian love, understanding them as cultural pedagogies. The analysis of the texts sought to understand how their speeches encompass the notion of lesbian love as a love-war, that is, a love that involves the conquest and possession of the other, while protecting yourself. To this end, we use a Foucault's discussion of discourse, and a discussion of love linked to gender and sexuality studies.

**Keywords:** virtual literature; cultural pedagogies; lesbian love.

### Resumen

Los textos literarios publicados en plataformas digitales han ido llegando a un gran número de personas. Este trabajo se propone a estudiar textos literarios que abordan el amor lésbico como pedagogías culturales. El análisis de los textos buscó comprender cómo sus discursos abarcan la noción del amor lésbico como un amor-guerra, un amor que involucra la conquista y posesión del otro, protegiendo al mismo tiempo a uno mismo. Para ello, partimos de una discusión foucaultiana sobre el discurso y una discusión sobre el amor vinculada a los estudios de género y sexualidad.

**Palabras-clave:** literatura virtual; pedagogías culturales; amor lesbiano.

### Introdução

Plataformas digitais de leitura vêm alcançando um público significativo – se mencionarmos apenas as duas plataformas com as quais trabalhamos em nossa pesquisa<sup>1</sup> (*Amazon Kindle* e *Wattpad*) já encontramos dados expressivos. Na página inicial do *Wattpad*, no qual os(as) usuários(as) podem publicar seus textos ou ler os textos de outras pessoas gratuitamente, é mencionado que a plataforma tem 85 milhões de usuários em todo o mundo. Já no *Amazon Kindle*,

\* Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil. [orcid.org/0000-0002-8962-5108](https://orcid.org/0000-0002-8962-5108). E-mail: [ags.21@hotmail.com](mailto:ags.21@hotmail.com)

\*\* Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil. [orcid.org/0000-0002-4128-8229](https://orcid.org/0000-0002-4128-8229). E-mail: [mrvcaetano@gmail.com](mailto:mrvcaetano@gmail.com).

<sup>1</sup> Este artigo faz referência às investigações de nossa pesquisa de doutoramento em Educação.

no relatório de agosto de 2023 do *Kindle Direct Publishing*<sup>2</sup>, o fundo global relativo ao *KDP Select*<sup>3</sup> foi de R\$ 247,3 milhões.

Dado que essas plataformas são acessadas por uma quantidade significativa de pessoas, é possível falar de uma expansão do consumo da literatura virtual, de forma que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) promovem transformações, entre outros âmbitos da vida da população, na forma como os sujeitos leem. Santaella (2021) argumenta que “o ambiente digital é altamente flexível com múltiplas camadas variantes n-dimensionais de leitura e habilidades polivalentes para entrar, alterar, emendar e sair de um texto de modo não linear” (Santaella, 2021, p. 27). O(a) escritor(a), em plataformas como o *Wattpad* e o *Amazon Kindle*, pode fazer mudanças constantes em seus livros, atualizando os textos disponibilizados para os(as) leitores(as).

Neste sentido, fizemos a opção pelo uso do termo “literatura virtual” (ao invés de digital) em nossa pesquisa porque entendemos que há um caráter virtual nessa literatura, não apenas relativo ao formato digital dos textos, mas a uma noção filosófica do que é virtual. Segundo Lévy (2011), o virtual existe em potência, atualiza-se a todo instante. Assim, para ele, se o texto por si só já é carregado de virtualidade, pois cada vez que é lido tem-se uma atualização, no contexto do ciberespaço o caráter virtual é ainda mais demarcado. Entendemos o ciberespaço a partir da definição de Santaella (2021), como um espaço híbrido, “que combina o físico e o digital em ambientes sociais criados pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação” (Santaella, 2021, p. 87).

A literatura virtual lésbica, essa que analisamos, é uma literatura que se ausenta do cânone literário e do mercado editorial. Estudamos livros de autoras independentes, no sentido de que sozinhas fazem uso das plataformas digitais para compartilhar seus escritos, sem ter seus nomes vinculados a editoras. Todas elas, em suas páginas e redes sociais, identificam-se enquanto mulheres escritoras cujos livros, em sua totalidade, versam sobre o amor lésbico – que definimos como amor entre mulheres, visto que compreendemos que a experiência lésbica, enquanto experiência afetiva, não se restringe àquelas que reivindicam uma identidade lésbica.

Nesse sentido, nosso trabalho estudou textos literários que tratam do amor lésbico e que foram publicados por escritoras independentes nas plataformas digitais *Wattpad* e *Amazon Kindle*, com o objetivo de pensar que pedagogias estão em funcionamento nos discursos que constituem esses textos, de que modos o amor lésbico está sendo constituído nesses livros. E, como uma das funções enunciativas que dão condição de existência aos livros analisados, encontramos em funcionamento a noção de amor lésbico que se vincula ao que chamamos de “amor-guerra”, que será esmiuçado posteriormente neste artigo.

Cabe ressaltar que nossa investigação foi desenvolvida no campo da Educação e, como tal, olha para a literatura virtual lésbica enquanto pedagogia cultural. Em uma visão ampliada de pedagogia que não restringe o conceito ao espaço escolar ou institucional, Camozzato (2012) entende que pedagogia “tem relação com as formas de conduzir os sujeitos, de atuar sobre eles de modo a obter determinadas ações, fomentando um governo de si e dos outros” (Camozzato, 2012, p. 189). O conceito de pedagogias culturais, parte do campo dos Estudos Culturais, tem sido mobilizada em pesquisas que buscam investigar “as pedagogias atuantes em uma multiplicidade de espaços, para além daqueles que delimitam territórios escolares ou escolarizados” (Andrade; Costa, 2017, p. 3).

Deste modo, compreendemos que os sujeitos aprendem quando estão em contato com a literatura virtual lésbica, sendo, de algum modo, conduzidos, subjetivados, ou subjetivando-se a partir dos discursos veiculados nos textos literários. Aprendem modos de ser, de se comportar, e de amar – que foi, afinal, verbo central para nossa pesquisa.

---

<sup>2</sup> Plataforma a partir da qual autores(as) publicam seus e-books, para que estejam disponíveis para venda no site da *Amazon* e possam ser lidos pelo aplicativo *Amazon Kindle*.

<sup>3</sup> É um programa do *Kindle Direct Publishing* a partir do qual os autores(as) disponibilizam seus livros para serem lidos gratuitamente pelos assinantes do serviço de streaming de leituras da *Amazon*, o *Kindle Unlimited*. Nesse programa, parte do fundo global arrecadado mensalmente é pago aos autores(as) de forma proporcional ao número de páginas lidas dos e-books do(a) escritor(a) em determinado mês.

## Caminhos metodológicos

Para selecionar os textos a serem estudados nas plataformas digitais *Wattpad* e *Amazon Kindle*, levamos em consideração o funcionamento das mesmas e seus mecanismos de busca. Na primeira plataforma, fizemos a busca pela palavra “lésbica” e analisamos os cem primeiros resultados, levando em conta a quantidade de visualizações e o número de capítulos (o *Wattpad* não informa número de páginas, apenas a quantidade de capítulos). Já no *Amazon Kindle*, utilizamos o ranking da categoria “romance lésbico” que aponta os cem livros mais vendidos/baixados, considerando o número de páginas.

Utilizamos como critérios gerais tamanho do livro, enredo ambientado no Brasil, foco no desenvolvimento do romance entre mulheres, a exclusão de *fanfics* (textos literários cujos personagens ou o universo pertencem a outro livro, filme, série, etc.), exclusão de obras literárias publicadas com selo editorial e exclusão de obras cuja coerência textual tinha problemas significativos a ponto de prejudicar o entendimento da narrativa.

Chegamos a sete livros. Um romance adolescente entre duas amigas intitulado *Algo a Mais* (Meziat, 2022); uma história de amor entre duas vampiras rivais intitulado *Noturnas e Natalinas* (Landre, 2021); um livro sobre duas jovens que se encontram em sonhos, mas não se conhecem pessoalmente, intitulado *A Garota dos Meus Sonhos* (Gumz, 2022); uma história de amor entre uma jovem e sua madrinha intitulado *A Afilhada* (Lorak, 2020); um romance entre duas garotas que se conhecem pela internet, na pandemia, intitulado *30 Dias Com Ela* (Larsen, 2022); um livro sobre um casal em crise matrimonial intitulado *Apague a Luz* (Azevedo, 2022); e um último sobre o romance entre uma enfermeira e uma médica que se conhecem no hospital, *Acasos da Vida* (Fernandes, 2019).

Para análise, partimos de uma discussão foucaultiana do discurso. Para Foucault (1972), é importante compreendermos o discurso enquanto acontecimento. Ou seja, o autor não vê o discurso como algo com uma origem determinada e uma continuidade através dos séculos. Ao contrário, o discurso é descontínuo e aparece em cada sociedade como um acontecimento histórico. Na perspectiva do autor, os discursos são conjuntos de vários enunciados que estão em relação. O enunciado não é um sinônimo de uma frase ou de algo que é dito/escrito, o enunciado “não é em si mesmo uma unidade, mas uma função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e as faz aparecer, com conteúdos concretos no tempo e no espaço” (Foucault, 1972, p. 109).

Assim, enquanto função enunciativa, enunciados irão funcionar nos textos de literatura virtual lésbica, constituindo-os, dando a eles condição de existência. Neste artigo, nosso olhar -se para o enunciado que nomeamos como “amor lésbico como um amor-guerra”. Se, para Foucault (1972), o enunciado tem um referencial que “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (Foucault, 1972, p. 114), aqui consideramos a noção de amor-guerra como referencial do supracitado enunciado. É desse referencial que trataremos a seguir.

## O amor como amor-guerra

Nesta seção, propomos pensar no que significa um amor-guerra e seus deslocamentos no tempo e no espaço, de forma a possibilitar que esse conceito vincule-se, nos dias de hoje, a experiências de amor lésbico. Quem nunca ouviu falar no ditado popular “vale tudo no amor e na guerra”? A aproximação entre o sentimento do amor e um dos mais vis aspectos da história humana não é incomum ou novidade. Na década de 80, por exemplo, a canção *Love Is a Battlefield* (O amor é um campo de batalha), da cantora estadunidense Pat Benatar, fez grande sucesso, foi regravaada por outras e outros artistas e chegou até a ser tema do filme *De Repente 30*, clássico da comédia romântica dos anos 2000.

O vínculo entre o amor e a guerra no Ocidente remonta à Antiguidade. Veja bem, não se trata de pautar a origem de um discurso que permaneceu contínuo desde os greco-romanos antigos, mas de apontar que essas aproximações entre amor e guerra vêm sendo feitas há muitos séculos.

Não das mesmas maneiras, com seus deslocamentos e transformações históricas, mas, ainda assim, tais discursividades não são propriamente uma novidade do nosso tempo.

Silva (2012) aponta que, nos mitos gregos, foi da relação entre Afrodite (deusa do amor) e Ares (deus da guerra) que nasceu Eros, que era deus do amor, assim como sua mãe, mas de uma versão do amor menos domável e civilizada. Posteriormente, com a helenização da mitologia romana, os deuses romanos Vênus e Marte foram aproximados dos gregos Afrodite e Ares, mas estabelecendo uma conexão entre amor e guerra ainda mais demarcada do que existia na mitologia grega. Os poetas romanos, nesse sentido, frequentemente relacionavam guerra e amor, vendo o ato de conquistar a pessoa amada como um ato guerreiro.

Ainda que, no decorrer da história, nas palavras de poetas, escritores(as), artistas, pensadores(as), a relação do amor e da guerra tenha incluído a presença do homem; na relação lésbica, o amor também pode funcionar como amor-guerra em vários sentidos – tal enunciado de amor lésbico como amor-guerra, portanto, encontra-se funcionando na literatura virtual lésbica analisada.

Isso não significa, porém, uma correspondência entre o amor-guerra lésbico e o heterossexual, ou pautar a noção de que o amor lésbico parte de uma lógica heterossexista. De fato, é preciso considerar a existência do que Butler (2018) designa como matriz heterossexual, e que impacta todos os sujeitos. Para a autora, falar em uma matriz heterossexual é falar em um “modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade de gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazer sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável” (Butler, 2018, p. 258), e a maneira como esse modelo discursivo funciona é a partir da heterossexualidade praticada compulsoriamente.

Butler (2022) afirma, também, que “práticas heterossexuais não são a mesma coisa que normas heterossexuais” (Butler, 2022, p. 335), pressuposto que nos permite pensar que pessoas que não tem práticas heterossexuais – como sujeitos gays e lésbicas – podem aproximar-se de normas heterossexuais, produzi-las em seus corpos, em suas condutas e em seus modos de amar. Porém, dado que “ser mulher” e “ser homem” têm lugar hierárquico distinto na sociedade em que vivemos, compreendemos que a lógica possível para esse amor lésbico, como amor-guerra do qual queremos tratar no decorrer dessa seção, não poderia equivaler ao amor-guerra heterossexual, como uma mimese.

Quando se pensa em guerra, pensamos em dois lados, dois exércitos inimigos que se encontram em um campo de batalha para, se não eliminar, ao menos enfraquecer um ao outro. Falar de guerra é falar de conquista, de tomar posse sobre algo, de vencer – enquanto, invariavelmente, um “outro” perde. Falar de guerra também é falar de estratégia: analisar o inimigo, angariar informações sobre ele, sem permitir que o mesmo seja feito conosco, proteger-nos desse inimigo, desconfiar dele, saber a hora de bater em retirada e a hora de avançar.

Essa dimensão da conquista é uma das características sociais e históricas do amor enquanto amor romântico que tem noções de gênero bem demarcadas. Enquanto o homem é visto como aquele que conquista, para hooks (2020)<sup>4</sup> as mulheres são ensinadas a desejar a relação romântica e a conexão emocional com o homem. Como apontam Graham, Rawlings e Rigsby (2021) “o estilo de comunicação das mulheres serve tanto para comunicar aos homens que elas não estão disputando a dominância quanto para estabelecer um vínculo com eles” (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021, p. 233). De forma distinta, em sua relação com a mulher, o homem é ensinado a demarcar a sua superioridade. Exemplo disso é a expressão “vou te fazer mulher”, utilizada no ato sexual. Para Graham, Rawlings e Rigsby (2021), essa expressão “significa, para os homens, colocar a mulher em seu devido lugar, ou seja, usá-la para os fins corretos (estabelecidos por eles). ‘Fazê-la mulher’ parece rebaixar a mulher – diminuindo seu valor – e torna o homem mais machão e poderoso” (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021, p. 245).

---

<sup>4</sup> A intelectual feminista cujo nome de registro é Gloria Jean Watkins, adotou *bell hooks* como pseudônimo. O nome é escrito, propositalmente pela autora com as iniciais minúsculas. Assim, majoritariamente, os pesquisadores e pesquisadoras que referenciam os escritos de *bell hooks* mantêm a grafia de seu nome desse modo.

Assim, a mulher vem sendo ensinada (de modos distintos em diferentes contextos sócio-históricos) a desejar perder o amor-guerra. A ser o território conquistado. A ser aquela que torna vulnerável, complacente, que expõe seus sentimentos em busca de um vínculo com seu conquistador. Neste sentido, entendemos que, socialmente, a mulher desenvolve suas próprias táticas guerreiras com o objetivo de colocar-se como desejável e de manter o vínculo amoroso constituído com o parceiro.

Essa socialização não desaparece quando as mulheres envolvem-se em relacionamentos umas com as outras e, nesse artigo, ressaltamos que as estratégias de guerra podem ser facilmente vistas nos textos de literatura virtual lésbica enquanto estratégias de amor. Porém, trata-se de um amor-guerra outro, não se pode fazer uma simples transposição entre o amor-guerra heterossexual e o amor-guerra lésbico, ainda que as normas da heterossexualidade exerçam-se sobre todos os corpos, não apenas sobre os corpos heterossexuais.

### Problematizando discursos do amor lésbico

De todos os livros analisados neste trabalho, talvez o que as estratégias de amor mais se aproximem das estratégias de guerra é *Noturnas e Natalinas*. O livro de Landre (2021) parte de uma premissa de enredo que faz tanto sucesso que ganhou até uma espécie de “nome” nas redes sociais de autores, *bookstagrammers*, *booktubers* ou *bookbloggers: enemies to lovers* (de inimigos a amantes) ou *hate to love* (do ódio ao amor). Tratam-se de narrativas que começam com os ou as personagens protagonistas detestando-se e, posteriormente, apaixonando-se.

É o caso de Geraldina, de *Noturnas e Natalinas*, que começa o livro reclamando de Lucíola, apontando vários defeitos em seu comportamento, e tendo-a como uma inimiga dentro da residência vampírica onde ambas vivem junto de várias outras vampiras e vampiros. Durante boa parte do livro, Geraldina está convencida de que Lucíola gostaria de lhe puxar o tapete, tirá-la do trio que lidera a residência e interferir em suas escolhas para a decoração de Natal. No decorrer da história, a personagem, a todo tempo, busca proteger-se de Lucíola e evitar, ao máximo, não se mostrar vulnerável para essa vampira a quem considera um desafeto.

No excerto a seguir, por exemplo, Lucíola tenta uma aproximação com Geraldina, oferecendo-se para deixar a outra vampira tomar seu sangue, mas Geraldina nega e a expulsa do quarto, dizendo querer ficar sozinha. Nada mais é do que um gesto de autoproteção, pois a personagem não entende por que sua “inimiga” está lhe oferecendo sangue e não deseja expor seus sentimentos confusos a ela:

– Eu vim aqui, pessoalmente, te alimentar. Eu só não ofereci quando estávamos na garagem porque sabia que você ia dizer não na frente dos outros.

– Você... – As palavras morreram na garganta de Geraldina quando ela se deu conta do que Lucíola estava oferecendo com aquela casualidade toda. – Por que eu iria... – De novo, ela não foi capaz de expressar a sua confusão.

Com a garganta seca, uma sensação com que ela já devia estar se acostumando, mas não estava, segurou as mãos de Lucíola que estavam sobre seus ombros e as afastou.

– Sai daqui. Eu preciso de um momento para me recompor e depois vou descer (Landre, 2021, p. 52).

Em um outro trecho, o vínculo entre “amor” e “guerra” fica ainda mais declarado, com Geraldina e Lucíola querendo manter o seu orgulho, querendo vencer a batalha, misturando o sentimento de ódio com o próprio sentimento do amor:

Em alguns minutos, teria que se afastar e retomar aquela dança de palavras afiadas entre as duas, cada uma brigando para cortar mais fundo, para rir por último, e ela se deleitaria na chance de odiar Lucíola, porque aquele ódio, aquele sentimento que queimava o seu peito e arranhava sua garganta, era o suficiente para fazê-la querer continuar viva pelas décadas por vir (Landre, 2021, p. 57).

O amor e o ódio, se discutidos filosoficamente, embora muitas vezes sejam colocados em lugar de oposição, também podem aparecer sobrepostos. Spinoza (2020), em meados do século XVII, quando escreve sua *Ética*, coloca que “o amor nada mais é do que a alegria, acompanhada da

ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da ideia de uma causa exterior” (Spinoza, 2020, p. 108), concebendo tanto o amor quanto o ódio como afetos – que, para os filósofos, seriam como variações em nossa vontade, em nossas formas de viver e de sermos afetados.

Para Spinoza (2020), alguns afetos são alegres e outros são tristes, mas, ainda que o amor seja considerado afeto alegre e o ódio, um afeto triste, a definição de ambos ainda é bastante semelhante. Em uma de suas proposições, o autor afirma: “o ódio que é inteiramente vencido pelo amor converte-se em amor; e o amor é, por isso, maior do que se o ódio não o tivesse precedido” (Spinoza, 2020, p. 127). Nessa lógica, o ódio que sentimos por algo ou alguém pode tornar-se amor e, se isso ocorre, será um amor maior, ou seja, um ódio transformado em amor resultará em um grande amor. Ao mesmo tempo, o inverso também seria verdadeiro: um amor vencido pelo ódio também resultará em um grande ódio, um ódio maior do que se o amor não tivesse existido anteriormente.

Essa filosofia ainda circula em nossa atualidade, com suas mudanças. Talvez, por causa disso, o trope literário “*hate to love*” seja tão bem aceito, pois a noção de que de um grande ódio pode nascer um grande amor faz parte de estratégias discursivas de subjetivação ainda hoje. Nos outros livros, embora a ideia de “ódio” não apareça, aquela de se autoprotger e não se mostrar vulnerável, não dizer demais de si e de seus próprios sentimentos torna a aparecer – ainda que de formas menos incisivas que em *Noturnas e Natalinas*.

Outro exemplo é o que acontece em *Apague a Luz*. Depois do sofrimento vivido no romance com seu ex-marido, Pilar ainda tenta proteger-se de Alex, ainda que esteja casada com ela, e evita contar detalhes sobre o seu passado. Na visão de Pilar, é como se, ao se expor à esposa, ela fosse perder o seu próprio orgulho:

ela jamais se sentira pronta para abrir tanto o coração a ponto de mostrar todas as suas feridas. Sabia que Alex lamperia cada uma delas, sabia que a mulher estava disposta a curar cada uma de suas dores e costurar os enormes rasgos que o homem havia deixado, mas ela era orgulhosa demais para se mostrar frágil assim perante a outra, mesmo a amando (Azevedo, 2022, p. 25).

O medo de se expor e o ímpeto de se proteger também aparecem em *Algo a Mais*, livro no qual a protagonista Mariana fica anos amando sua amiga Aysha em segredo, sem confessar seus sentimentos, com medo de ser ferida por uma rejeição. No excerto, a personagem conversa com um amigo, afirmando seus medos de deixar-se compreender por Aysha: “Eu tenho medo. E se eu falar o que sinto, e ela me deixar ou me ver de uma forma diferente? E se ela não retribuir?” (Meziat, 2022, p. 64).

Em *A Garota dos Meus Sonhos*, também é possível perceber uma discursividade semelhante. No livro de Gumz (2022), no qual as duas protagonistas apaixonam-se em sonhos, somente uma delas lembra-se de tudo quando está acordada. Isso faz com que Bianca sintam-se vulnerável e chegue ao ponto de tentar afastar-se de Alice para não sofrer. A personagem, em dado momento, afirma: “a frustração de lidar com todas as dúvidas é insuportável, só quero me esconder e não falar com ninguém hoje ou nunca mais” (Gumz, 2022, p. 102); e também: “Ela também não tem culpa e é errado tratá-la desse jeito, mas, de verdade, não consigo lidar com sua doçura e olhares gentis agora” (Gumz, 2022, p. 102).

Proteger-se da outra para não sofrer, para não ser preterida ou rejeitada, para evitar mostrar-se demais e ter essa confiança traída, é parte dessa noção de amor-guerra presente na literatura virtual lésbica. Essa perspectiva está diretamente ligada ao sentimento de desconfiança quanto aos sentimentos da outra mulher e insegurança frente aos seus próprios atributos para atrair essa mulher. Entendo essa lógica como uma lógica de guerra. Como um general estrategista diante do inimigo, as personagens perguntam-se: posso confiar no que diz essa outra mulher? Até que ponto ela é capaz de ferir-me? Tenho o que é preciso para vencê-la? Conquistá-la?

Novamente, percebo a questão de forma mais latente em *Noturnas e Natalinas*. Em determinado momento, a mãe de Luciola (que também é a principal liderança da casa vampírica onde as personagens moram) tem uma conversa com Geraldina. Nesse diálogo, a protagonista deixa explícita a sua desconfiança e a sensação de que Luciola e sua mãe estão de alguma forma tramando contra ela:

— Ela começou a demonstrar interesse por mim só quando percebeu que a Helga estava observando. — Geraldina cruzou uma perna sobre a outra e passou a erguer um dedo da mão para cada argumento que conseguia reunir que explicasse a conclusão em que tinha chegado meras horas atrás. — Ela bebeu do meu sangue e me induziu a beber do dela, o que só vai tornar mais difícil eu me afastar nas próximas semanas por causa do veneno dela no meu corpo. E, por último, ela me avisou que eu nunca deveria confiar nela, então sei que vocês só podem estar planejando algo (Landre, 2021, p. 64).

Quando a mãe de Lucíola diz a Geraldina que sua filha gosta dela, a protagonista resiste em acreditar. Ela não apenas não confia em Lucíola, como também não confia no amor em si, pelo potencial que esse tem de machucá-la emocionalmente.

Em *Apague a Luz*, também podemos ver a existência da desconfiança, ainda que seja um livro que trate da história de duas mulheres que já são casadas há anos. Em um excerto, logo nas primeiras páginas do livro, Pilar culpa seu ex-marido por não conseguir confiar em ninguém, nem mesmo na própria esposa e em seu amor.

Dirigindo para sua empresa, pensava na esposa, na breve desavença, o casamento há tempos andava sobre o muro a um passo de ter o seu fim, mas ela não sabia o que fazer. Jogar a culpa em Martim também não era o correto, ele não era o culpado por ela ser uma esposa ruim, por deixar a mulher de lado por tanto tempo, essa culpa Pilar carregava sozinha, ainda que muitas vezes não admitisse. Mas podia culpá-lo por deixar seu coração em pedaços, por fazer com que ela não confiasse mais em ninguém e tornar o seu peito um lugar frio demais para o amor e mesmo com os esforços incessantes de Alex para amá-la (Azevedo, 2022, p. 12).

Alex, por sua vez, tendo confiado muito em Pilar, sente-se traída pela esposa, com suas mentiras e sua indiferença. Alex acredita que Pilar está tendo um caso – ora com outras mulheres, ora com seu ex-marido –, embora a esposa diga a ela que isso não está acontecendo. A desconfiança da traição faz parte do relacionamento das duas e encontra base nas inseguranças de Alex.

Outro ponto que causa insegurança em Alex e, conseqüentemente, faz com que ela acabe por desconfiar da sua esposa (e da possibilidade de Pilar a estar traindo com um homem) é o fato de Pilar ser bissexual e Alex ter sido a primeira mulher com quem ela se relacionou. Assim, no livro, é narrado: “Pilar não era a primeira mulher que Alex tinha namorado, mas Alex era a primeira namorada de Pilar e por esse motivo que Alex ficava tão tensa e tão nervosa” (Azevedo, 2022, p. 34).

É possível relacionar essa discussão com a pesquisa de Facchini (2008), que, ao conversar com mulheres lésbicas, notou ser recorrente a preferência por se relacionar com outras lésbicas em vez de com mulheres bissexuais, pois essas seriam menos dignas de confiança. Em minha vivência como lésbica, noto ser comum entre lésbicas a percepção de que a mulher bissexual estaria, de certa forma, “contaminada” pela atração pelo homem, de modo que há certa insegurança e receio em se envolver com uma bissexual.

Insegurança e desconfiança também integram a relação de Bianca e Alice no romance *A Garota dos Meus Sonhos*. Logo que vê Alice pessoalmente pela primeira vez, Bianca sente-se insuficiente e incapaz de conquistá-la. A personagem estabelece uma comparação entre si mesma e Alice, chegando à conclusão de que haveria uma superioridade da garota em relação a ela. Bianca, desse modo, hesita diante de Alice, como um exército menos numeroso ou enfraquecido que hesita diante daquele que considera mais forte. Deste modo, a protagonista afirma: “quando estamos só nós duas em um ambiente controlado, posso relaxar e ser eu mesma. Na vida real, não sei se consigo ser tão *cool* quanto os seus amigos, tão bonita quanto as pessoas que ela segue na internet ou tão interessante quanto a sua vida de *influencer*” (Gumz, 2022, p. 30).

Em *A Afilhada*, quando Júlia diz à sua madrinha que irá terminar o noivado para ficar com ela, Jaqueline também tem sentimentos de insegurança e desconfiança. No excerto a seguir, a protagonista do livro de Lorak (2020) acredita que a afilhada, na realidade, estaria mentindo e a veria como uma aventura. O amor que Júlia lhe devota é colocado em questão enquanto Jaqueline sente que a afilhada deseja prejudicá-la, enlouquecê-la:

Não estava acreditando que ela estava me dizendo tudo aquilo. Como ela era muito sedutora, não tive certeza de que sua declaração condizia com a verdade. Talvez ela só

quisesse ter mais uma aventura antes de se casar. Ela só pode estar querendo me enlouquecer!

– Você não tem direito de me dizer esse tipo de coisa! (Lorak, 2020).<sup>5</sup>

Nessa obra, há ainda uma questão que não aparece nas demais, que é o fato de que as duas personagens estão se envolvendo em um amor proibido – de madrinha e afilhada. Pode-se dizer que, no sentido espiritual/religioso, até mesmo vigoraria o tabu do incesto em casos como esse, ainda que não haja laços consanguíneos entre as personagens. Inclusive, embora atualmente o Código de Direito Canônico da Igreja Católica não impeça casamento entre padrinho/madrinha e afilhada/afilhado, anteriormente, o dito “parentesco espiritual” gerado pelo sacramento do batismo era considerado um impedimento.

A premissa de amor proibido que aparece no enredo de *A Afilhada* faz com que Jaqueline – a madrinha, que se sente no lugar de mulher mais velha, a quem sua amiga querida confiou a responsabilidade para com a filha, Júlia – sinta uma enorme culpa. Nesse sentido, a batalha empregada por Jaqueline não é apenas contra Júlia, mas contra si mesma, na medida em que a personagem passa boa parte do livro lutando contra os próprios sentimentos.

A afilhada, no entanto, não desiste da conquista. Júlia está na guerra para vencer e usa todos os atributos possíveis para ganhar o coração e manter aceso o interesse e o desejo da madrinha. Em um trecho, Jaqueline narra: “quando, vez ou outra, nós nos entreolhávamos, eu desviava meu olhar o mais rápido possível e notava que na boca dela brotava um sorrisinho bastante cafajuste. Tenho certeza de que Júlia adorou ver que ainda me deixava agitada” (Lorak, 2020).

Júlia usa de um jogo de sedução que pode ser pensado enquanto uma estratégia de amor-guerra. Usar subterfúgios, falas indiretas, manipular situações, lançar sinais, provocações, tudo isso faz parte de um aspecto comum entre o amor e a guerra: a conquista. É muito comum vermos, nos discursos do amor romântico, a dimensão da conquista, sobretudo se estamos falando do modelo heterossexual de amor, no qual, em tese, a mulher deve estar na posição de “ser conquistada”. A mulher que se coloca na posição de conquistadora pode ser vista como não feminina, o que frequentemente faz com que as lésbicas (principalmente desfeminizadas, ou seja, que não seguem os padrões hegemônicos de feminilidade) sejam vistas como predadoras sexuais. O que não significa que mesmo as mulheres que jogam o jogo das relações heterossexuais a partir da feminilidade não conquistem: elas também buscam fazê-lo, mas muitas o fazem sem deixar de tentar mostrar-se como a parte conquistada.

A relação lésbica subverte essa dinâmica da conquista, na medida em que não há um homem para ser o conquistador, mas esse aspecto do amor-guerra ainda se faz presente. Ele aparece em *Noturnas e Natalinas* quando Lucíola tenta conquistar Geraldina. A vampira tem receio das intenções de sua “inimiga”, mas não deixa de se sentir cativada por ela. Para se aproximar de Geraldina, em vez de ser sincera sobre seus sentimentos e prezar por um diálogo franco e direto, Lucíola utiliza-se de um subterfúgio: propõe à vampira um acordo, fingir que estão em um relacionamento para impactar a ex-namorada de Geraldina, Helga.

Em *Acasos da Vida*, Pâmela também não opta pela sinceridade imediata, optando por um flerte indireto com Ivana. Mesmo quando a médica pergunta-lhe o que a enfermeira quis dizer com sua fala, Pâmela foge da resposta e afirma que tentaria conquistar Ivana caso fosse um homem. No entanto, a própria interação que as duas estão tendo no momento já faz parte da tentativa de Pâmela de conquistar a outra mulher.

É importante destacar que, embora as personagens muitas vezes optem por não falar diretamente o que sentem ou pensam – para proteger a si mesmas da vulnerabilidade, por desconfiança ou por estratégia de conquista –, isso não significa que diálogos sinceros não façam parte dos livros analisados. Eles também estão lá, em outros momentos, mas não são o objetivo de discussão deste artigo.

Outro aspecto do amor lésbico como amor-guerra é a questão da posse. Grande parte das guerras ocorridas ao longo da história da humanidade tiveram um objetivo em comum: a posse. Frequentemente, dois ou mais grupos de pessoas lutaram/lutam pela posse de um território, de

---

<sup>5</sup> Os livros da plataforma *Wattpad* não contém número de páginas.

uma riqueza material ou mesmo para possuir domínio econômico, religioso ou cultural sobre uma sociedade.

A posse, sabemos, também faz parte dos discursos sobre o amor. Em um aforismo presente em *A Gaia Ciência* que problematiza aquilo que se chama costumeiramente de amor, Nietzsche (2017) aproxima o amor da cobiça, colocando que o que frequentemente chamamos de amor é um desejo de posse que só se atenua quando já se possui o objeto desse amor.

Essa reflexão não é apenas pertinente no caso do amor sexual, mas também no amor pelas coisas e no amor como compaixão, no sentido de fazer bem ao próximo; no entanto, o filósofo explicita que a noção de desejo de posse evidencia-se de forma mais acentuada no caso do amor sexual. Assim, “aquele que ama quer possuir, somente para ele, a pessoa que deseja, quer ter um poder absoluto tanto sobre sua alma como sobre seu corpo, quer ser amado unicamente e instalar-se na outra alma, nela dominar como o que há de mais elevado e mais admirável” (Nietzsche, 2017, p. 49).

O autor assemelha o amor sexual à relação de um dragão com o seu tesouro, que ele possui e protege da cobiça de outrem. Essa noção de amor enquanto desejo de posse não se restringe ao tempo-espaço no qual Nietzsche estava inserido, mas propaga-se, de algum modo, na atualidade, capturando sujeitos e reverberando nos discursos que proferimos cotidianamente – e aqui incluo a nós, lésbicas. O ciúme e o desejo de possuir estão muito implicados em dois dos livros analisados: *30 Dias Com Ela* e *Apague a Luz*. Isso não significa que não haja discursos de posse nas outras obras, apenas que, nessas duas, a posse integra o enredo de forma muito incisiva e faz parte dos conflitos centrais presentes na narrativa.

Mas há menções à posse mais breves nos demais livros, como em uma passagem presente em *Acasos da Vida*, na qual Ivana considera Pâmela a “sua garota” e deseja firmar essa posse por meio do casamento. Gostaríamos de nos deter, no entanto, nos dois livros citados anteriormente, nos quais a posse é uma noção mais fortalecida. Em *30 Dias Com Ela*, quando Mônica e Lídia ainda são apenas amigas, Lídia deseja apresentar Mônica ao seu melhor amigo. A garota, no entanto, acredita que Lídia está interessada nesse amigo e permanece arredia diante da ideia de encontrá-lo. Quando as duas planejam ir a um show de uma banda de que gostam, Lídia sugere convidar o amigo para ir com elas. Mônica, por sua vez, desgosta explicitamente da ideia e demonstra não querer dividir a companhia de Lídia com outra pessoa.

Em um dos poucos capítulos do livro de Larsen (2022) que é narrado por Mônica, em vez de Lídia, a personagem narra seu desconforto e irritação pela presença do amigo de sua amada:

Agarro a borda da mesa, de repente sentindo minhas pernas moles demais para sustentar meu próprio peso, meu peito se comprimiu, como se algo ou alguém estivesse pressionando por puro prazer, e um gosto amargo dominou minha boca.

– Tá tudo bem, Mônica? – Lidy questionou visivelmente preocupada, mas meus olhos só conseguiam focar na mão masculina tocando ela, a mesma cintura que toquei tão inconsequentemente dias atrás (Larsen, 2022).

Em um dado momento, as duas personagens chegam a entrar em conflito, pois Lídia incomoda-se com a maneira com que Mônica tratou o seu amigo. Porém, o ciúme não parece ser algo contrário ao amor ou à relação amorosa, e sim fazer parte dela. No instante em que Lídia dá-se conta de que Mônica está com ciúmes dela, isso não parece incomodar a personagem, ao contrário. A confissão de Mônica de que deseja mostrar a Lídia que a garota lhe pertence é instigante e até excitante para a sua parceira:

– O que você está fazendo, Mônica? – Sua voz se tornou apenas um sussurro distante na minha mente. Minhas mãos guiaram o seu corpo vagarosamente pelo colchão, para que eu pudesse enfim me concentrar em engatinhar pelo seu corpo, descansando minhas pernas em cada lado do seu quadril.

– Te mostrando. – Ronronei, nossos seios roçaram um no outro e a ponta do meu nariz traçava sua pele trêmula. Minha língua envolveu suavemente sua pulsação acelerada, meus dentes arranhando o lugar sensível, à medida que eu desabotoava sua camiseta.

– Me mostrando o que? – Voltou a perguntar em um ganido estrangulado e estridente, ao sentir meus dedos tocarem superficialmente a sua pele, através da renda costurada no seu sutiã simples de pano.

– Que você é minha, assim como o seu coração. Sempre foi e sempre será. E que nada será capaz de mudar isso. – Respondi sem rodeios, absorvendo um pouco o espanto que embebeu seus lindos traços, antes de engolir o seu gemido atordoado com um beijo (Larsen, 2022).

“Você é minha” mistura-se facilmente com “eu te amo”, de forma que, entre amor e posse, não parece haver afastamento, na ordem do discurso. Ao final da história, já no epílogo, quando, um pouco mais velhas, Mônica e Lídia casam-se, Lídia demonstra pela esposa o mesmo sentimento de posse. Ao ouvir Mônica usar seu sobrenome – o que historicamente tem simbolizado a pertença da mulher à família do marido, no Ocidente –, Lídia declara sua posse sobre a outra, afirmando que, por meio do casamento, Mônica estaria “presa a ela”. Isso não parece ser problema para Mônica, que logo declara estar feliz por estar “presa” à esposa.

O casamento como estratégia de amor-guerra para efetivar ou manter a posse também aparece acentuadamente nos discursos de *Apague a Luz*, o único dos livros analisados que já se inicia com as personagens principais casadas. Enquanto Alex reflete sobre a possibilidade de terminar o casamento, Pilar faz de tudo para manter sua posse sobre aquela que ela declara a todo tempo ser sua. As estratégias da personagem são muitas. Pilar persegue Alex quando esta vai para uma fazenda no interior desejando passar algum tempo a sós. Ao chegar lá, diz a outra: “Você é minha mulher, eu não podia deixar você vir sem falar com você!” (Azevedo, 2022, p. 30).

A motivação da personagem para ir atrás da esposa é o fato de tê-la visto em uma foto nas redes sociais com uma ex-namorada. As intenções territorialistas da esposa são logo percebidas por Alex, de modo que a seguinte conversa desenrola-se:

– Então você não veio até aqui porque se deu conta do seu erro, você veio por que me viu com outra mulher e sendo quem é, teve uma crise de ciúmes e veio marcar território. – ela se virou rindo para Pilar. – Você é inacreditável, Pilar, inacreditável.

– Alex, eu te amo...

– Me ama tanto que só teve coragem de vir até aqui no momento em que viu que me perdia... (Azevedo, 2022, p. 53).

Após essa discussão, Alex manda Pilar embora e mantém sua intenção de se separar da esposa. A personagem continua na fazenda, situada na cidadezinha interiorana onde vive sua família e também a ex-namorada, com quem reata uma amizade. Alex, então, resolve sair novamente com a mulher. Enquanto isso, Pilar está parada do lado de fora da casa, espionando-a. A própria Pilar assume, em sua narrativa, que o que sentia por Alex é “posse” e que ela não conseguia aceitar perder qualquer coisa que fosse. No meio da noite, a personagem bate à porta da casa da fazenda onde Alex está, em mais uma tentativa de reconquistar a esposa e afirmar sua posse sobre ela. Pilar diz com todas as letras que Alex não é livre, pois é sua.

Alex, nessa cena, não manifesta incômodo pela esposa afirmar possui-la, apenas manifesta seu descontentamento por sua própria posse sobre Pilar não ter sido efetivada, dado que Pilar manteve-se “encontrando” com o ex-marido. Cabe ressaltar que esses encontros não eram de cunho romântico/sexual, mas fruto de manipulações do ex-marido abusador de Pilar, utilizando o filho menor de idade que os dois têm juntos.

O ciúme e o desejo de possuir a outra mulher, portanto, não fazem parte de um discurso unilateral de Pilar, também se fazendo presente nas estratégias de amor-guerra empregadas por Alex. Porém, a narrativa de Azevedo (2022) evidencia que, por parte de Pilar, a posse é uma discursividade muito mais fortalecida e chega a se configurar enquanto tentativa de controle sobre a esposa. Em outra das discussões entre as personagens, há recorrências nas falas de Alex que indicam o quanto ela se sente controlada, dominada e possuída pela esposa. Alex diz explicitamente que o amor que Pilar sente por ela se chama posse e que ela se sente uma empregada, uma governanta na casa da esposa. Alguém que está ali para servi-la. Na mesma discussão, Alex afirma, também:

– Você acha que eu sou sua e quando pensa que alguém pode me tirar de você, então você vem e fala meia dúzia de palavras bonitas para me reconquistar, e assim que me tem de volta, tudo volta a ser igual e eu passo a ser a mera governanta de sua casa e a mulher que divide a cama com você quando não está em outra (Azevedo, 2022, p. 54).

Não posso deixar de traçar um paralelo entre essa narrativa – sobretudo pela forma como Alex diz sentir-se – e os fundamentos do amor heterossexual, sobretudo no contexto do matrimônio. Apesar de o discurso de posse vincular-se ao enunciado do amor lésbico como amor-guerra, seria a mulher socialmente capaz de possuir? Graham, Rawlings e Rigsby (2021) argumentam que, enquanto grupo social, as mulheres são chamadas a adotar o ponto de vista masculino como correto e a se submeter a uma forma de amar que aceita o domínio dos homens. Os homens, como aponta Jónasdóttir (2011), vêm historicamente e continuamente tomando posse de nós e dos nossos recursos amorosos e sexuais.

Neves (2007), de forma semelhante, argumenta que o amor romântico é socialmente estabelecido como um objetivo da mulher, mas quem aparece como ativo na efetivação de um relacionamento (propondo o início de uma paquera, de um namoro, de um casamento ou mesmo apenas de uma relação sexual) deve ser o homem. A mulher deve apenas se preocupar em manter esse homem, aceitando sua posição enfraquecida nas relações de poder existentes no envolvimento amoroso.

É possível pensar que o amor romântico tem sua base em um pensamento pautado na divisão binária de gênero, estabelecendo uma relação heterossexual na qual a mulher é o lado mais fraco. Se pensarmos o amor-guerra no contexto da heterossexualidade, a partir dos aspectos socioculturais e das normativas dessa heterossexualidade, para a mulher, resta a posição de vencida. No amor-guerra, a mulher é a conquistada, aquela cujo corpo foi possuído e virou território de outra pessoa, aquela cujos recursos econômicos e sociais passaram a servir o vencedor, aquela para a qual nada resta além de assinar o pacto de paz que não a favorece e manter feliz o conquistador.

Isso não quer dizer, no entanto, que o amor lésbico não possa ser violento, territorialista ou possessivo. Isso iria na contramão das evidências sociais e estudos que vêm sendo feitos sobre o tema, como os trabalhos de Amat (2013) e Costa (2013), que citam a existência de abuso e violência em relacionamentos lésbicos. A heteronormatividade subjetiva lésbicas e suas formas de amar, isso é fato. Do contrário, é possível que o enunciado do amor lésbico como amor-guerra nem mesmo circulasse, não tivesse tido condições de emergir, não pudesse ter entrado na ordem do discurso.

Apesar disso, no entanto, insistimos: a guerra, no amor lésbico, seria a mesma guerra do amor heterossexual? Ou uma guerra outra? Se a mulher, tão somente por ser mulher, não tem o privilégio social do conquistador, daquele que toma posse e usufrui como dono do corpo alheio e de seus recursos, esse amor-guerra não pode ser o mesmo. O amor-guerra do amor lésbico é uma guerra modificada, ou melhor, que já emerge de maneira distinta, dada a ausência da mesma disparidade de forças que subjuga as mulheres na relação heterossexual.

Quando falamos de ausência de disparidade de forças, não estamos querendo dizer que não existam relações de poder entre um casal de mulheres, que não existam momentos nos quais uma dessas mulheres está do lado mais fraco – sobretudo se uma delas carrega outros marcadores sociais que a colocam em um lugar de opressão (como a raça, a classe, a deficiência). Destacamos, portanto, que tais marcadores colocariam uma das mulheres em situação de vantagem para derrotar a outra no amor-guerra.

Porém não se pode deixar de considerar que, em uma relação lésbica (ainda que seja uma relação desigual devido a questões de raça e classe, por exemplo), nenhuma das partes envolvidas possui o mesmo recurso social do homem para possuir, para vencer o amor-guerra. Sendo assim, constitui-se, talvez, o que poderíamos chamar de uma guerra mais equilibrada, menos unilateral, do que seria a guerra do amor heterossexual.

### **Considerações finais**

Esse artigo analisou os modos como o enunciado do amor lésbico, enquanto um amor-guerra, funcionam nos excertos dos livros de literatura virtual lésbica analisados. Verificou-se que, embora não vigore uma correspondência estrita entre o amor-guerra lésbico e o amor-guerra heterossexual, dada as relações de gênero que historicamente marcaram os discursos sobre o

amor, ainda é possível perceber estratégias guerreiras vinculadas a estratégias amorosas quando analisamos textos literários lésbicos publicados na internet.

O amor-guerra, de modo geral, faz parte da subjetivação das mulheres – lésbicas ou não – de diferentes modos, fazendo-se presente em filmes, livros, propagandas, séries de TV, redes sociais, entre outras pedagogias culturais, artísticas e midiáticas. Entendendo a literatura virtual lésbica enquanto pedagogia cultural, compreendemos que os modos de amar que funcionam nos discursos de tal literatura são veiculados socialmente, constituindo modos de ser e de se relacionar.

Assim, seria possível falar em um enunciado do amor-guerra lésbico que emerge em nosso contexto social e histórico e se materializa não apenas nos textos analisados em nossa pesquisa, mas em outros espaços. Essa noção de amor-guerra não pode ser vista como mera cópia de um amor romântico heteronormativo que também se fundamenta, em algum grau, pela lógica guerreira. O amor lésbico é, na medida em que afasta a figura do homem, um amor outro.

## Referências

- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber (2017). Nos rastros do conceito de Pedagogias Culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJJPm7YVWxWvmTj8S/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- AMAT, Andrea Francisco (2013). *El Banquete de Safo: una terulia dialógica sobre los discursos mediáticos del amor y los modelos de atracción con mujeres lesbianas e bisexuales*. 2013. 360f. Tesis (Doctorado en Diversidad Cultural e Interdisciplinariedad Educativa), Universitat Jaume I, Castelló. Disponível em: <https://www.tesisenred.net/handle/10803/107822#page=1> Acesso em: 5 nov. 2022.
- AZEVEDO, Lara (2022). *Apague a luz*. Publicação independente. [e-book]. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Apague-luz-Lara-Azevedo-ebook/dp/B0BBLC27LJ>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- BUTLER, Judith (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith (2022). *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp.
- CAMOZZATO, Viviane Castro (2012). *Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações*. 203f. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- COSTA, Juliana Mazza Batista (2013). *Do lilás ao roxo: violências nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10131>. Acesso em 5 nov. 2022.
- FACCHINI, Regina (2008). *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. 2008. 323f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- FERNANDES, M. R. (2019). *Acasos da vida*. [on-line]. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/182742923-acasos-da-vida-completo>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- FOUCAULT, Michel (1972). *A Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.
- GRAHAM, Dee; RAWLINGS, Edna; RIGSBY, Roberta (2021). *Amar para sobreviver: mulheres e a Síndrome de Estocolmo Social*. São Paulo: Editora Cassandra.
- GUMZ, Léo (2022). *A garota dos meus sonhos*. [e-book]. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Garota-dos-meus-Sonhos-ebook/dp/B0BG34MJZJ>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- HOOKS, Bell (2020). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- JÓNASDÓTTIR, Anna G. (2011). Qué clase de poder es “el poder del amor”? *Sociológica*, a. 26, n. 74, p. 247-273. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/soc/v26n74/v26n74a8.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- LANDRE, Luisa (2021). *Noturnas e natalinas*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Noturnas-natalinas-Luisa-Landre-ebook/dp/B09MDNW788>. Acesso em: 5 nov. de 2022.

LARSEN, Vienna (2022). *30 dias com ela*. [on-line]. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/317726336-30-dias-com-ela-%E2%9A%A2-%E2%9C%93>. Acesso em: 5 nov. 2022.

LÉVY, Pierre (2011). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

LORAK, N. (2020). *A afilhada*. [on-line]. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/244975970-a-afilhada>. Acesso em: 5 nov. 2022.

MEZIAT, Isabel (2022). *Algo a mais*. [e-book]. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Algo-Mais-Isabel-Meziat-ebook/dp/B0BC6CQ83W>. Acesso em: 5 nov. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich (2017). *A gaia ciência*. São Paulo: Lafonte.

NEVES, Ana Sofia Antunes das (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 609-627. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3xMKWBCmTwGcS3CJkdLxWCS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SANTAELLA, Lucia (2021). *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*. São Paulo: Paulus.

SILVA, Márcia Regina de Faria da (2012). Amor e guerra na elegia latina. *Principia*, Rio de Janeiro, a. 15, n. 25, p. 47-53. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/6151>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SPINOZA, Benedictus de (2020). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.